

# Dois grandes cronistas das cidades

**MÚSICA** | Como Noel Rosa e Adoniran Barbosa retrataram, respectivamente, o cotidiano do Rio de Janeiro e as transformações sociais de São Paulo

POR BRAULIO TAVARES, POETA, ESCRITOR E COMPOSITOR

**N**oel Rosa (1910-1937) e Adoniran Barbosa (1910-1982) estariam completando agora 100 anos de idade. São dois dos nossos grandes cronistas musicais, e apesar de terem tido vidas cheias de dificuldades (e, no caso de Noel, uma vida muito curta) criaram obras que impressionam pelo lirismo, pelo humor, pela celebração da vida e pelo olho arguto com que observavam os costumes das cidades em que viveram. Noel será sempre um dos maiores comentadores poéticos da vida cotidiana no Rio de Janeiro na primeira metade do século; Adoniran, que teve uma carreira mais extensa, documentou em versos impagáveis as transformações sociais de São Paulo durante muitas décadas.

Noel mergulhou muito cedo na vida boêmia de Vila Isabel, o bairro onde viveu e cujas calçadas reproduzem hoje em seus ladrilhos trechos das partituras de suas canções. Foi o "Poeta da Vila" e não apenas viveu intensamente suas noites como a celebrizou em canções como *Feitiço da Vila*, *Palpite Infeliz*, *Eu Vou pra Vila* etc. O samba carioca sempre se organizou em torno de comunidades geograficamente nítidas: a chamada Pequena África, no centro (desde o Cais do Porto até a Praça 11); o Estácio; Vila Isabel; e, numa fase posterior, os morros e suas respectivas escolas de samba. Os bambas da Vila, como eram conhecidos os compositores de Vila Isabel, proclamavam por meio de Noel sua importância poética

e musical (Martinho da Vila é um dos herdeiros do legado musical do bairro). Os versos de *Feitiço da Vila* (*São Paulo dá café/ Minas Gerais dá leite/ e a Vila Isabel dá samba*) aludem à economia e à política da época, quando candidatos de São Paulo e de Minas se alternavam na Presidência da República.

Noel retratou com bom humor o boêmio sem grana, eternamente "filando" cigarros ou bebida, sempre disposto a virar a noite na farra sem maiores preocupações. Foi assim a sua própria vida durante muito tempo, e a tuberculose que o matou foi agravada não somente pela sua constituição frágil, mas pelo consumo constante de álcool e cigarro. Ele se autoironizava em canções como *Tarzan*, *o Filho do Alfaiate*: *Quem foi que disse que eu era forte?! Nunca pratiquei esporte, nem conheço futebol.../ O meu parceiro sempre foi o travesseiro/ e eu passo o ano inteiro sem ver um raio de sol.*

A vida folgada e descontraída dos boêmios sem dinheiro foi tão bem retratada em *Conversa de Botequim*, de Noel: *Seu garçom faça o favor de me trazer depressa/ uma boa média, que não seja requentada,/ um pão bem quente com manteiga à beça, um guardanapo/ e um copo d'água bem gelada...* O malandro faz pose, é refinado, é exigente, quer atenção especial, pede favores e termina dizendo: *Vá dizer ao seu gerente/ que pendure essa despesa no cabide ali em frente.* É o mesmo malandro que em tempos mais bicudos acaba dormindo no meio da rua ou nos bancos das praças, como em *O Orvalho Vem Caindo*: *O orvalho vem caindo/ vai molhar o*



OS: ARQUIVO AE







**A observação  
mistura-se ao que  
é vivido, e o senso  
de humor do poeta  
o ajuda a ver-se como  
se fosse outra pessoa**

**Outros carnavais.** Ao lado, bloco carnavalesco no Rio de Noel; abaixo, bonde paulistano nas ruas eternizadas por Adoniran



*meu chapéu/ e também já vão sumindo/  
as estrelas lá no céu.../ Tenho passado  
tão mal/ que a minha cama é uma folha  
de jornal/ Meu cortinado é o vasto céu  
de anil/ e o meu despertador é o guarda  
civil/ que o salário inda não viu.*

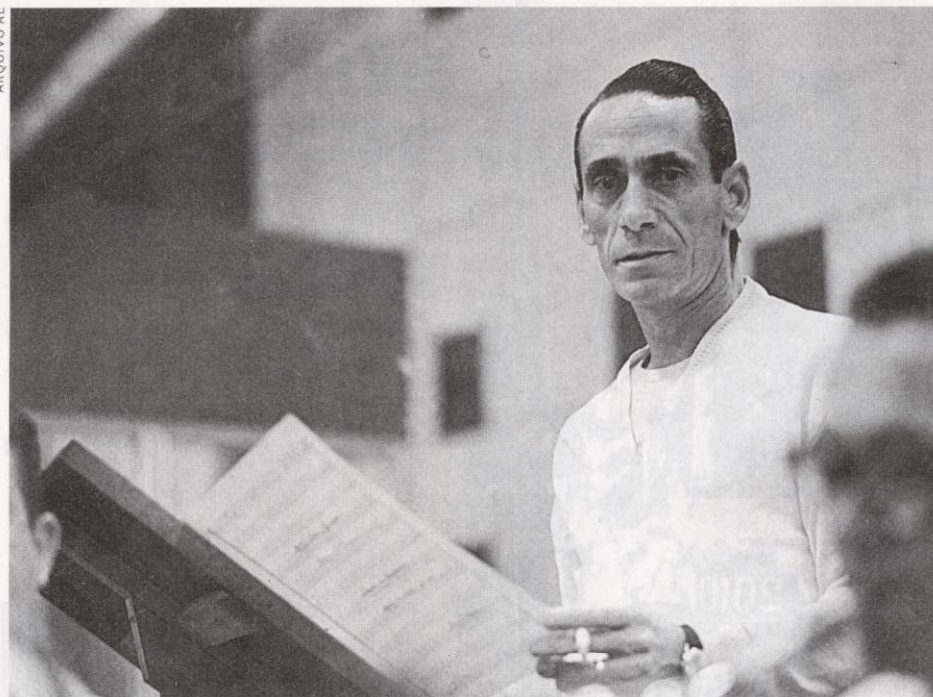
Um letrista de extrema fluência e naturalidade como Noel não escreve apenas sobre si mesmo, e também não é apenas um cronista distanciado do mundo que observa. A observação mistura-se ao que é vivido, e o senso de humor do poeta o ajuda, no momento mais difícil, a ver-se de longe, como se fosse outra pessoa, e perceber a ironia das situações em que se mete. O Rio de Janeiro da década de 1930, tão presente em suas letras, surge ali pela imensa identificação pessoal de Noel com esse "eu" que canta suas canções, o qual tem sempre um pouco do próprio poeta e muito dos seus companheiros de samba e de mesa de bar.

Noel morreu aos 27 anos, mas teve

sambas cantados por grandes intérpretes, como Nelson Gonçalves, Clara Nunes e outros. É espantoso que em tão pouco tempo tenha composto canções tão numerosas e consistentemente inovadoras. Adoniran Barbosa, que tinha a mesma idade dele, só veio chegar ao primeiro sucesso muito tempo depois, após uma sucessão de empregos e uma tortuosa carreira, cheia de tentativas de ser cantor e compositor, que acabou por transformá-lo em ator cômico. Aos 45 anos, no entanto, ele viu a explosão de sua *Saudosa Maloca* na gravação dos Demônios de Garoa. Foi o primeiro de muitos sambas em que ele narra as tribulações dos trabalhadores sem-teto da grande São Paulo: *Era uma casa veia, um palacete assobradado/foi aqui, seu moço, que eu, Mato Grosso e o Joca/ construímos nossa maloca...* Trabalhadores (empregados ou não) que invadem prédios abandonados já não eram novidade na São Paulo de meio século



ARQUIVO AE



atrás. Adoniran voltou a tratar dessa questão, como em *Despejo na Favela*: *Quando o oficial de justiça chegou/lá na favela / e contra seu desejo/ entregou pra seu Narciso/ um aviso pra uma ordem de despejo/ assinada seu doutor, assim dizia a petição:/ dentro de dez dias quero a favela vazia e os barracos todos no chão./ é uma ordem superior.*

Não que Adoniran não curtisse também as noitadas boêmias e a vida sem compromissos, como se vê no divertido *Samba do Arnesto*, em que os amigos se deslocam até o Brás para participar de um samba sem saber que esse foi cancelado, ou em *Joga a Chave*, em que o boêmio tenta combinar com a companheira um modo de chegar de madrugada sem acordá-la para abrir a porta. Em *Progrêssio*, ele ironiza: *Progrêssio vem do trabaio/ então amanhã cedo nós vai trabaiaí./ Agora escutando os conselho das muié/ amanhã nós vai trabaiaí, se Deus quiser (mas Deus não quer...)*. Situações farristas típicas foram retratadas em canções que se tornaram emblemáticas, como em *Nóis Viemos aqui Pra Quê?* (*Não me amole rapaz/ não me amole, não me amole/ deixa de conversa mole/ agora não é hora defalá:/nóis viemos aqui pra beber ou pra conversá?"*), ou *Ói Nóis aqui Traveis* (*Se vocês pensa que nós fumos embora/ nós enganemo vocês.../ Fingimo que fumo e vortemo / ói nós aqui traveis!"*). Adoniran, filho de italianos, criou uma

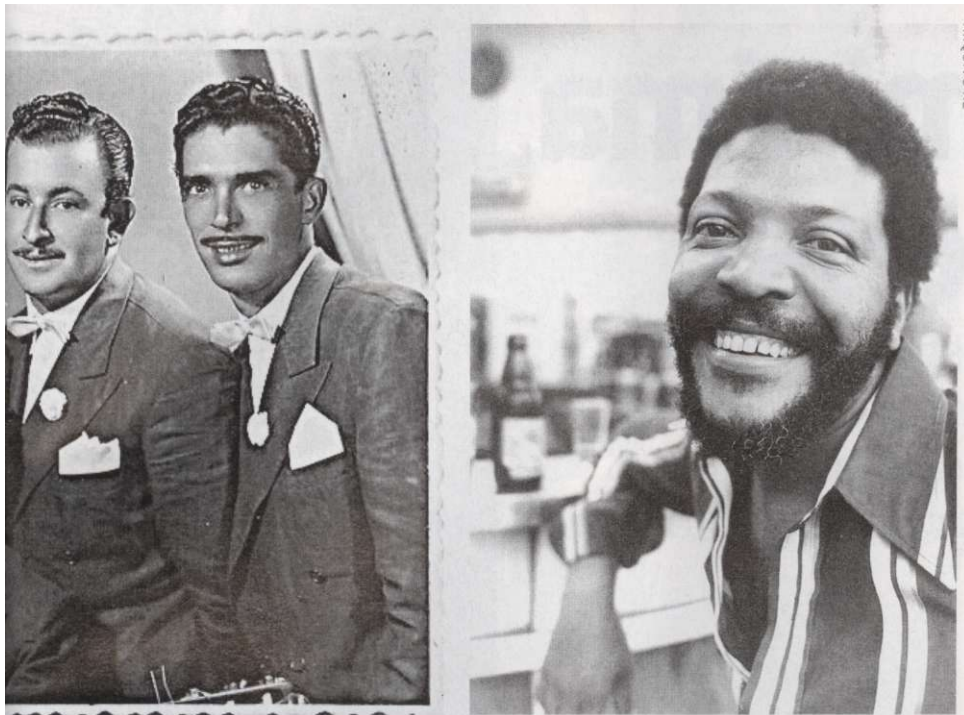
### Tanto Adoniran como Noel são letristas simples e sofisticados, no melhor sentido dos dois termos

**Herdeiros.** Nelson Gonçalves (esq.) fez fama com sambas de Noel; Martinho (dir.) herdou a fama sambista de Vila Isabel. No centro, Demônios da Garoa nos anos 60, que até hoje, na ativa, eterniza a obra de Adoniran

linguagem que misturava a língua de seus pais e o caipira do interior. Em canções como *Samba Italiano* (*Gioconda, pítina mia,/ vai brincar ali no maré no fundo,/ mas atencione co os tubarone, ouvisto/ capito meu San Benedito...*) empregava uma linguagem macarrônica. Os verbos conjugados de forma bárbara ("nós fumo", "ponhado", "pegue-mo" etc.) eram comuns nas ruas paulistanas, mas eram novidade na música radiofônica. Quando ele compara o próprio peito a uma *táuba de tiro ao alvo*, sente-se aí a vivacidade do poeta que transforma o erro alheio em acerto próprio, o defeito em efeito.

Noel Rosa tinha um português mais polido e mais literariamente poético, de rimas elegantes, frases construídas com correção sem perder o tom coloquial. Tinha também as antenas ligadas para o linguajar de sua época, os termos estrangeiros que já se infiltravam na fala corrente do brasileiro. Em *Não Tem Tradução*, ele diz: *Amor lá no morro é amor pra chuchu.../ AS rimas do samba não são i love you.../ E esse negócio de alô, alô boy e alô Johnny/ só pode ser conversa de telefone.*

Outra simetria entre os dois poetas é o uso de uma carta como pretexto para criar a letra de uma canção, recurso, aliás, muito presente na música popular brasileira. Adoniran escreveu *Vide Verso Meu Endereço*, em que o personagem diz: *Venho por meio destas mal*



ARQUIVO AE

traçadas linhas/ comunicar-lhe que eu fiz um samba pra você/ no qual eu quero expressar toda a minha gratidão/ e agradecer de coração/por tudo que você me fez, para no final chamar a atenção do destinatário: Não repare a letra/ a letra é de minha mulher/ vide verso meu endereço/ apareça quando quiser.

Já Noel criou, em *Ao Meu Amigo Edgar*, uma carta semiautobiográfica em que seus problemas de saúde são tratados com bom humor e autoironia: Já

apresento melhoras/pois levanto muito cedo/ e deitar às nove horas/pra mim já é um brinquedo./A injeção me tortura/ e muito medo me mete/ mas minha temperatura/ não passa de 37./ Nessas balanças mineiras/ de variados estilos/ trepei de várias maneiras/ e pesei 50 quilos / Deu resultado comum/ o meu exame de urina:/ meu sangue, 91/ por cento de hemoglobina.

Tanto Noel como Adoniran são letristas simples e sofisticados, no me-

lhor sentido desses dois termos. Simples porque mesmo quando exprimem uma ideia original e surpreendente conseguem fazê-lo com palavras diretas e claras. Sofisticados porque utilizam registros verbais diferentes a toda hora: a gíria dos malandros, o vocabulário pomposo e oficial das autoridades, os termos da moda, o lirismo açucarado que o brasileiro tanto aprecia, o modo de falar típico de uma comunidade étnica ou de um bairro específico, além de termos pedidos por empréstimo ao jornalismo, ao cinema, ao futebol, à ciência e ao comércio.

Temos a tentação de dizer que Noel é tipicamente carioca e Adoniran tipicamente paulistano. É verdade, mas uma verdade cheia de modificadores. Noel Rosa viveu o auge de sua vida como compositor na década de 1930, primeiros anos do governo Vargas; Adoniran foi um compositor da São Paulo de Juscelino Kubitschek em diante, e por mais que o passado estivesse presente em suas canções elas refletiam uma crônica do mundo à sua volta. Noel foi acima de tudo um boêmio; Adoniran teve um sem-número de empregos duros e sacrificados até alcançar os primeiros sucessos como autor. Cada um deles fez a crônica da cidade que havia à sua volta, usando a linguagem que captava com suas antenas de poeta, e os ritmos e harmonias que impregnavam com mais força o seu mundo.

## Em Sala

Guia de atividades didáticas

### Competências

Analisar e interpretar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos

### Habilidades

Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico e social

## Linguagem Conheça e compare os estilos poéticos que marcaram as obras de Noel Rosa e Adoniran Barbosa no retrato das cidades

**1** Pedir aos alunos que transponham *O Qrvalho Vem Caindo*, de Noel, para o ambiente frio de São Paulo, e tentem imaginar como Adoniran escreveria essa letra.

**2** Imaginar que Adoniran também teria escrito uma canção chamada *Feitiço da Vila*, só que elogiando bairros paulistanos como Vila Madalena ou Vila Mariana. Como seriam os versos? (Não é obrigatório que os versos dos alunos se encaixem na melodia – é apenas um exercício de comparação de realidades urbanas).

**3** Como seria uma *Conversa de Botequim*, de Noel, transposta para o ambiente de hoje? Quais seriam os lanches, os pedidos, as recomendações do malandro num botequim de 2010?

**4** Imaginar que Noel Rosa e Adoniran Barbosa chegaram a se conhecer em algum momento da vida e se tornaram amigos. Escrever um comentário de um deles sobre alguma canção do outro.

**5** Fazer um levantamento de termos urbanos usados pelos jovens de hoje (da linguagem do hip-hop, do skate etc.) e compor

versos para uma canção parecida com as de Adoniran, falando da São Paulo atual.

**6** Fazer um levantamento de elementos que sejam tipicamente cariocas nas canções de Noel e tipicamente paulistanos nas de Adoniran, excluindo aqueles que façam referências diretas às respectivas cidades (nome de ruas, de praças, de personagens históricos etc.).

**7** Pesquisar os textos do poeta Juó Bananêre, autor da *Divina Incrência*, e comparar sua linguagem com a de Adoniran.